

## DIÁLOGOS COM AS PROFESSORAS ACERCA DO ENSINO DE LIBRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Norma Lucia Neris de Queiroz<sup>1</sup>  
Sidelmar Alves da Silva Kunz<sup>2</sup>  
Sandra Regina Santana Costa<sup>3</sup>  
Marcia Cristina Araújo Lustosa Silva<sup>4</sup>

### RESUMO

Aprender a comunicar-se em Libras desde a tenra idade pode oportunizar as crianças pequenas surdas vivenciarem experiências de desenvolvimento e de interação com seus pares de forma significativa. Além de possibilitar a inclusão de forma mais efetiva, especialmente, quando estão presentes nas classes de educação infantil crianças surdas e ouvintes. Este artigo teve como objetivo investigar como um grupo de professoras realiza o ensino e aprendizagem de Libras em suas práticas pedagógicas com crianças de 4 e 5 anos de idade da educação infantil. A metodologia utilizada neste estudo foi a qualitativa com instrumentos de coleta de dados: entrevista semiestruturada com três professoras da educação infantil e observações participantes em suas salas de aulas. Os resultados apontaram que as professoras: concebiam a Libras como uma língua de sinais tão importante quanto qualquer outra língua oral de prestígio (Português, Espanhol, Grego, Francês); o grupo decidiu realizar práticas pedagógicas em Libras durante todos os momentos para possibilitar a comunicação mais efetiva entre as crianças surdas e ouvintes. Além disso, as professoras concebiam a Libras como primeira língua para crianças surdas e um elemento formativo e agregador na formação das ouvintes; essas experiências trabalhavam todos conteúdos previstos para essa etapa de acordo com o Currículo em Movimento da Educação Básica do Distrito Federal. Concluiu-se que esses participantes, especialmente, as crianças surdas vivenciaram uma experiência mais efetiva de inclusão e as ouvintes, uma experiência de formação cultural para continuarem incluindo pessoas surdas em sua vida além da escola.

**Palavras-chave:** Libras, Educação infantil, Crianças surdas e ouvintes.

### INTRODUÇÃO

O ingresso das crianças surdas, no espaço escolar, tem se tornado uma realidade no Distrito Federal e pode, ainda, estar relacionado à identificação da surdez cada vez mais cedo,

<sup>1</sup>Doutora em Psicologia pela Universidade de Brasília - DF, Membro do Grupo de Estudo da Redecentro, Professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal, [normaluciaqueiroz@gmail.com](mailto:normaluciaqueiroz@gmail.com)

<sup>2</sup>Doutorando em Educação pela Universidade de Brasília - DF, Pesquisador do Inep, Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre as Contribuições de Anísio Teixeira para a Educação Brasileira (GEPAT), [sidel.gea@gmail.com](mailto:sidel.gea@gmail.com)

<sup>3</sup>Doutora em Psicologia pela Universidade de Brasília - DF, Membro do Grupo de Estudo da Redecentro, Professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal, [sancosta3@gmail.com](mailto:sancosta3@gmail.com)

<sup>4</sup>Doutoranda em Ciências da Educação - Universidad Columbia, Professora Língua Portuguesa – IFPE, [marciaclustosa@hotmail.com](mailto:marciaclustosa@hotmail.com)

à oferta da educação precoce nas unidades da rede pública de ensino e ao apoio dispensado, pelas Unidades Educativas, às famílias dessas crianças surdas.

Destaca-se, por outro lado, que o ingresso das crianças no espaço escolar, mais especificamente, as de 4 e 5 anos de idade, já é uma obrigatoriedade legal do sistema de ensino brasileiro, no qual as crianças surdas estão incluídas. Assim, elas têm o direito de frequentar as classes regulares da educação infantil e receberem, ainda, atendimentos nas salas de recursos ou atendimentos especializados nos centros de ensino especiais; nas classes hospitalares e o atendimento domiciliar, em situações temporárias de impossibilidade de deslocamentos até a escola.

O Currículo em Movimento da Educação Básica do Distrito Federal (2018), especialmente, as orientações da educação infantil não estabeleceram a língua brasileira de sinais (Libras) nas práticas pedagógicas para crianças ouvintes, mesmo que na classe tenham crianças surdas. Esse fato parece que exige, ainda, um pouco mais de atenção por parte dos Gestores da educação do Distrito Federal, uma vez que o Currículo em Movimento destacou a importância da educação inclusiva para todas as etapas da educação básica.

No entanto, esse mesmo Currículo apresentou diversas sugestões de adaptações curriculares, mas por outro lado não trouxe nenhuma orientação que impeça aos professores de realizarem práticas de Libras em suas classes regulares.

Interessa no presente artigo investigar, na perspectiva histórico cultural, se na rede pública de ensino havia professores que trabalhavam com Libras com crianças surdas e ouvintes na educação infantil e como eles realizavam esse ensino em suas práticas pedagógicas. Elegeu-se como objetivos específicos: (i) identificar que concepções esse grupo de professoras tinha sobre Libras como primeira língua para surdos e um elemento formativo e agregador na formação das crianças ouvintes; (ii) analisar como acontecia a comunicação em Libras pelos sujeitos participantes dessas classes, envolvendo crianças e professoras; (iii) analisar como o ensino de libras era realizado em suas práticas pedagógicas como recurso para crianças surdas e ouvintes; (iv) analisar pontos positivos e dificuldades encontradas no processo de ensino e aprendizagem de Libras em suas práticas pedagógicas. Optou-se pela metodologia qualitativa e o uso de observações participantes em sala de aula da rede pública de ensino e de uma entrevista semiestruturada com três professoras da educação infantil como instrumentos de coleta de dados para este estudo no ano de 2019.

## DESENVOLVIMENTO E DISCUSSÃO TEÓRICA

O acesso e a permanência com sucesso de crianças surdas nas escolas inclusivas passam pela oferta de práticas pedagógicas com professores bem formados e comprometidos com a aprendizagem dessas crianças, de boas condições materiais nesses espaços físicos, da capacidade dessas crianças interagirem e se comunicarem com seus pares, sejam surdas ou ouvintes e com os adultos que trabalham nessas escolas, como destaca Alves, na Revista Criança (BIAGIO, 2007, p. 23).

Vygostsky (2001) ressalta a importância da linguagem e suas relações com o desenvolvimento do pensamento nos sujeitos humanos. Para o autor, os homens constituíram a linguagem, porque precisavam se comunicar, ou seja, os homens criaram, usaram e, ainda hoje, usam os sistemas de linguagem para se comunicarem entre si. Com isso, “a principal função da linguagem é a do *intercambio social*, cujo aprimoramento leva à utilização de signos, os quais traduzem ideias, pensamentos, sentimentos e são compreensíveis por outras pessoas; são, portanto, sociais e individuais, envolvendo todo o contexto de interação” (MIRANDA, 2005, p. 22).

Nesse sentido, o Currículo em Movimento da Educação Básica do Distrito Federal (2018, p.23) afirma que a escola de educação infantil é um espaço importante para a educação coletiva da primeira infância, no qual ocorrem diversas experiências e “que essas experiências possam ser internalizadas pelas crianças e que ocorra a “emergência do novo” (DISTRITO FEDERAL, 2018, p. 23), ou seja, ocorram a aprendizagem e o desenvolvimento. Além disso, nessas experiências “[...] a diversidade e a inclusão tornam-se reais, materializam-se a partir das relações que acontecem e são partilhadas por todos os segmentos que compõem a comunidade escolar[...]” (DISTRITO FEDERAL, 2018, p. 34).

O Currículo em Movimento da Educação Básica do Distrito Federal (2018) destaca, com base na Resolução nº 02/2001 do Conselho Nacional de Educação, no item III do Art. 8º, que as instituições da rede regular de ensino devem organizar suas classes comuns com o intuito de oferecer suporte para as flexibilizações e adaptações curriculares que consideram importantes sobre os conteúdos básicos, metodologias de ensino, recursos didáticos diferenciados e processos de avaliação adequados ao desenvolvimento das crianças que apresentam necessidades educacionais especiais, em consonância com o projeto pedagógico da escola [...] (BRASIL, 2001, p.02).

Os profissionais da educação do Distrito Federal, de acordo com o Currículo da Educação Infantil (DISTRITO FEDERAL, 2018, p. 35-36), devem ser flexíveis e dinâmicos,

mas apenas essas características podem não ser suficientes para superar as dificuldades de aprendizagem ou compensar limitações reais das crianças com deficiência. Desse modo e na atual conjuntura, ressalta-se que o professor deve utilizar “toda e qualquer adequação curricular ou ainda inovações nas práticas pedagógicas para assegurar, independentemente de sua intensidade, o processo de aprendizagem e desenvolvimento de todas crianças na educação infantil, pois todas elas são capazes de aprender”. Trabalhar com a Língua de sinais (LIBRAS) na classe com crianças surdas e ouvintes pode ser considerada uma inovação, pois nessa classe todos vivenciam a imersão em Libras e os surdos e ouvintes aprendem a se comunicarem com seus pares e poderá impulsionar o desenvolvimento de crianças surdas e ouvintes na educação infantil. Na maioria das experiências observa-se a presença de um intérprete de Libras para acompanhar a criança surda, cuja comunicação ocorre entre criança surda e esse intérprete numa espécie de tradução do que o professor verbaliza e as tarefas que serão feitas.

Nessa direção, Marques, Barroco e Silva (2013, p 528) lembra em seu artigo que o estímulo que Vygotsky faz sobre o bom ensino. Para esse autor, o bom ensino é aquele que adianta o desenvolvimento do estudante, portanto, não se pode manter no nível de desenvolvimento real, mas precisa ter como foco a intervenção junto à zona de desenvolvimento proximal, construindo as bases para novas aprendizagens, de modo contínuo e ilimitado.

## **PERCURSO METODOLÓGICO**

A opção metodológica para coletar as informações deste estudo foi a qualitativa, uma vez que essa metodologia a nosso ver se mostra adequada para atingir aos objetivos propostos neste estudo, a partir das interações com os sujeitos participantes para compreender o fenômeno investigado.

Para realizar este estudo, foram identificadas três professoras de dois Centros de Educação Infantil (CEI) da rede pública de ensino da Secretaria de Educação do Distrito Federal. Após essa parte da pesquisa, iniciamos os procedimentos da pesquisa, tais como: solicitou-se a autorização da Secretaria para realizar o Estudo, procurou-se as Regionais de Ensino para articular, com os CEI, a pesquisa. Ao chegar a esses CEI, as gestoras consultaram as professoras se gostariam de participar do Estudo. No CEI A, as duas professoras manifestaram seu interesse e no CEI B, uma professora que trabalha com o ensino de Libras com toda sua classe aceitou participar da pesquisa. Merece destacar que o contato com professores foi bastante rápido, pois contou-se com o apoio tanto das gestoras quanto das professoras. Ferreira (2002, p. 34) afirma que no primeiro momento, os pesquisadores não

devem aplicar instrumentos formais de pesquisa, mas ultrapassar alguns “rituais transitórios” para serem aceitos no mundo dos participantes, pois “a base de ingresso, no universo de suas realidades, encontra-se: [...] a prática pedagógica conduzida pelo professor, na qual situa-se o objeto investigado”.

Nesta perspectiva, iniciou-se o período de observações participantes de 20 horas, sendo cinco horas em cada uma das classes no período de 01/05 e 21/05/2019 e uma entrevista semiestruturada com cada uma das professoras, a partir de um roteiro de questões no período de 05/06 a 26/06/2019. O roteiro da entrevista tinha questões que versavam sobre: formação acadêmica e de Libras das professoras; concepções das professoras sobre Libras como primeira língua para as crianças surdas e elemento formativo para as ouvintes; como e por que começaram o ensino de Libras em suas classes; como ocorre o ensino e aprendizagem em Libras pelos sujeitos participantes dessas classes; que pontos positivos e dificuldades encontram no processo ensino e aprendizagem da Libras em suas práticas pedagógicas para responder aos objetivos deste estudo. Das três participantes, duas delas consentiram gravar as entrevistas em áudio e foram realizadas no período estabelecido no quadro 1 a seguir:

**Quadro 1 – Instrumentos de coleta de dados deste estudo**

Professoras	Observações participantes	Local	Entrevista semi estruturada	Local	Duração
Ana	07/05	Sala de aula	07/06	Sala de Leitura	30 mim
Diane	09/05	Sala de aula	14/06	Sala da Leitura	47 mim
Gislene	14/05	Sala de aula	04/06	Sala de Leitura	62 mim

Fonte: Dados coletados pela pesquisadora, 2019

Apresentou-se o quadro 1 anterior com os dados das observações participantes e entrevistas semiestruturadas realizadas com as professoras participantes do estudo. Foram feitas, no período de 07 a 14/05/2019, as observações participantes e no período de 04/06 a 14/06/2019, as entrevistas individuais com as professoras. Para isso, assegurar a privacidade e a eficiência dos registros, utilizou-se a sala de professores quando estava no horário das aulas, pois estava vazia diversos locais nos Centros de Educação Infantil para realizar as entrevistas que tiveram duração entre 25 e 62 minutos.

A partir das entrevistas e observações em sala de aula, colheu-se as informações das professoras participantes deste estudo. Todas elas são servidoras efetivas do quadro da Secretaria de Educação do Distrito Federal e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) antes da pesquisadora iniciar as observações em suas classes. Com as

informações colhidas, foi possível construir a identificação das participantes no quadro 2 a seguir:

**Quadro 2 - Professoras participantes, formação, experiência e tempo do curso de Libras**

Centro Educação Infantil (CEI)	Professora	Idade	Formação Acadêmica	Tempo de Experiência	Curso de Libras
CEI A	Ana	22	Pedagoga	02	06 meses
CEI B	Diane	35	Pedagoga	11	04 anos
	Gislene	46	Pedagoga/Artes	21	03 anos

Fonte: Dados coletados pela pesquisadora, 2019

No quadro 2 anterior, observa-se que as participantes são profissionais do sexo feminino, na faixa etária entre 22 e 46 anos de idade e possuem curso superior em Pedagogia. É comum em nossa cultura classes da educação infantil terem como regentes, professoras mulheres. E uma delas além da formação em Pedagogia, cursou também Artes. Essa formação complementar pode agregar ainda mais qualidade a sua prática pedagógica em questão. O tempo de experiência na docência das professoras é, também, variado. Por coincidência a professora mais nova tem apenas um ano de experiência e a professora com a maior idade tem, também, maior tempo de experiência (21 anos). Todas elas cursaram Libras e o tempo destinado a esse curso foi também diversificado. As professoras cursaram Libras entre 6 meses e 4 anos.

Nos diálogos com as participantes, elas relataram que tomaram a decisão de cursar Libras por diversos motivos. Diane (35) por sua filha adolescente ter perdido a audição em um acidente automobilístico, Ana (22) por terem recebido crianças surdas em suas classes e Gislene (46) por ter chegado seu neto surdo. Ana (22 anos) relatou

*“quando recebi uma criança surda na sala, fiquei desorientada sem saber para trabalhar com ela. Tentava me comunicar, assim com gestos simples como qualquer ouvinte, não funcionava muito bem. Sei que fiz pouco por aquela menina em termos de aprendizagem. Nem sabia para onde ia a Libras”*

Nessa perspectiva, Marques, Barroco e Silva (2013, p. 515) ressaltaram que o “ensino de Libras promove o desenvolvimento psicomotor, com atividades significativas e contextualizadas, além de socialmente úteis [...]”. Eles ressaltam, ainda, que:

[...] o uso dessa língua é capaz de promover o desenvolvimento das funções psicológicas superiores em sujeitos surdos e ouvintes. Como primeira língua para sujeitos surdos, a Libras é a porta de entrada para as informações do ambiente e da cultura em que vivem e para apropriação de conceitos que estimulam e movimentam o desenvolvimento das funções tipicamente humanas (MARQUES; BARROCO; SILVA, 2013, p. 516).

No momento da entrevista, a professora Ana (22), com menos tempo de formação em Libras, relatou que em alguns momentos não consegue se comunicar em Libras com as crianças (surdas e ouvintes). Creio que preciso ampliar minha formação em Libras, pois fiz somente um semestre. Nesses momentos, a comunicação oral em Língua Portuguesa se torna padrão e aí privo as crianças surdas dessa comunicação. Neste ano de 2019, em seu segundo ano de docência, Ana (22 anos) recebeu duas meninas gêmeas de 4 anos de idade surdas e afirma que:

*“Libras é uma língua complexa igual o Português... Temos de saber bem. É preciso mais tempo de curso para saber me comunicar. Procuo falar e usar os sinais ao mesmo tempo com as crianças surdas e ouvintes o tempo todo, mas tem hora que não sei o sinal correto, aí eu não uso, só falo. É nesse momento que deixo a desejar nossa comunicação e fico angustiada, pois teria de fazer mais pelas meninas surdas”.*

Com a narrativa acima, a professora Ana (22) reafirma a necessidade de ampliar seu conhecimento em Libras. Parece que fica claro a importância de todos profissionais da educação da escola dominarem Libras e compreenderem as particularidades da educação das crianças surdas, considerando que todas as crianças precisam se comunicar com todos os participantes da escola e serem efetivamente incluídas.

Ressalta-se, ainda, que apesar da professora Ana (22) ter apenas dois anos de experiência docente pareceu-nos bastante consciente de seu compromisso como educadora, pois externalizou sua angústia, quando não sabe usar todos sinais corretos para se comunicar com as crianças surdas de sua classe. Ana relatou, ainda, que o “uso de Libras em sua sala de aula, considerando a presença de crianças surdas é uma oportunidade real de aprendizagem para essas crianças que estão em um contexto de aprendizagem e precisam interagir com seus pares ouvintes para se desenvolverem”. Além disso, nessa fase da infância, as crianças estão bastante abertas à aprendizagem e precisam se comunicarem com crianças surdas e ouvintes na maior parte do tempo para internalizarem a Libras como “seu sistema de linguagem para se comunicarem entre si, como destaca Miranda” (2005, p. 22).

Por outro lado, a Professora Ana (22) relatou, também, que a [...]

*“comunicação em Libras pode beneficiar todas as crianças de sua classe. Todas crianças têm o direito de se comunicarem com seus pares e com os adultos e ao mesmo tempo é uma oportunidade para elas vivenciarem o processo de hominização, apropriando-se do conhecimento escolar. Já as ouvintes têm a possibilidade de aprenderem Libras como outra língua: inglês, espanhol, grego para a sua vida e poder incluírem seus pares, crianças surdas na escola e na sociedade”.*

Sendo o conhecimento linguístico um processo mediado, as propostas pedagógicas da escola precisam favorecer a essa mediação, contribuindo, assim, para a aprendizagem e o desenvolvimento de todas crianças.

## **ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

A Análise de Conteúdo tem o objetivo de aprofundar a significação, a partir de “[...] estratégias para garantir a descoberta dos sentidos e significados das narrativas dos participantes” (ROCHA; DEUSDARA, 2005, p. 310). Essa etapa da pesquisa exige do pesquisador um esforço para desvendar o conteúdo latente das mensagens, bem como que expresse a criatividade, a intuição e a crítica em relação à interpretação dos dados. No tópico a seguir, apresenta-se os dados recolhidos, a partir das observações participantes e entrevistas semiestruturadas com as professoras, acerca do ensino de libras para crianças surdas e ouvintes nas classes de educação infantil.

De acordo com as professoras deste estudo, o ensino de Libras é compreendido como um instrumento psicológico para as crianças de suas classes, sejam elas, surdas ou ouvintes, uma vez que a experiência vivida nessas classes promoveu a aprendizagem e desenvolvimento, a partir do uso de duas línguas para as crianças ouvintes e de libras, para as surdas. A professora Gislene (46) relata que trabalha com Libras em sua prática pedagógica, do seguinte modo:

*“busco mediar e intervir na zona de desenvolvimento proximal de todas as crianças da classe com o ensino de Libras, pois ao mesmo tempo falo e uso sinais como recursos mediadores nas rodinhas diárias, na contação de histórias infantis com livros ou outro recurso didático e atividades de pintura, desenhos livres, contagem e recortes de gravuras, chamada e no trabalho com o alfabeto de sinais  
Observo também as potencialidades das crianças, quando faço atividades de reconto das histórias ouvidas. Essa atividade exige habilidades de reconstrução e reelaboração do texto, pois elas não*

*conseguem memorizar integralmente o texto ouvido uma única vez. Com o reconto, elas reconstróem aquilo que ouviu e marcou de forma mais significativa e expressa utilizando a imaginação e criatividade”*

Na narrativa da Professora Gislene (46), ficou claro que ela tem um posicionamento ativo como mediadora do conhecimento junto às crianças, de acordo com as ideias de Vigotsky (1997), pois busca sempre “*mediar e intervir na zona de desenvolvimento proximal de todas as crianças da classe com o ensino de Libras [...]*”. Além disso, ela interfere na zona de desenvolvimento proximal, apresentando às crianças dessa etapa, atividades coerentes com o processo de ensino e aprendizagem, “*ao mesmo tempo falo e uso sinais como recursos mediadores nas rodinhas diárias, na contação de histórias infantis com livros ou outro recurso didático e atividades de pintura, desenhos livres, contagem e recortes de gravuras, chamada e no trabalho com o alfabeto de sinais*”, considerando que a aprendizagem em Libras está em curso e sendo internalizada de diferentes modos, apesar das crianças estarem na mesma faixa etária das crianças.

A professora Diane (35) diz que utiliza a Libras durante todo tempo na classe:

*No início do ano, combinei com as crianças e suas famílias de ensinar a todas elas Libras por ter recebido um menino surdo. Ele é bastante alegre e queria se comunicar com os colegas. Parecia que ele não entendia que os colegas ouviam e ele não. Como os colegas não conseguiam interagir com ele, Bruno começava a gritar e a agarrar os colegas e até em alguns momentos, machucou alguns colegas. Após essa decisão, as crianças ouvintes ficaram muito interessados nos sinais da Libras. Hoje, eles já conseguem ter uma comunicação mínima com o colega surdo e as atividades pedagógicas seguem com mais tranquilidade com a participação de todos.*

*As famílias apoiaram muito esse encaminhamento e veem como uma inovação que trará benefícios por tornar seus filhos mais capazes de incluir pessoas surdas. Mas isso só foi possível por eu ter formação em Libras. Creio que todos nós estamos ganhando no processo de aprendizagem e desenvolvimento nesse ano.*

Já a professora Ana (22) relatou que tenta utilizar a Libras durante todo tempo na classe, mas como ela já falou anteriormente, não consegue, ainda, saber todos os sinais. Ao mesmo tempo, procura se esforçar para ampliar sua aprendizagem e o uso da língua na classe como, por exemplo: quando incluo no planejamento pedagógico uma contação de história infantil ou assistir

um vídeo com as crianças, ela prepara a condução da atividade com antecedência em Libras. Em sua narrativa ela relata que:

*Nesse ano, estou com duas meninas gêmeas surdas na classe. Parece que uma ajuda a outra na classe com os sinais e fazem companhia uma para a outra. Quando propus utilizar a Libras em nossa prática pedagógica, duas mães vieram falar comigo que não queria que seus filhos ficassem nessa escola, pois eles poderiam ficar prejudicados já que eles falam e ouvem. Esse problema foi resolvido logo na primeira reunião com os pais, quando expusemos o que era a LIBRAS e seus benefícios para inclusão de todas pessoas na sociedade.*

*As crianças trabalham com tranquilidade e comunicam-se na medida do possível, porque são pequenos, com as meninas surdas. Não sinto que eles tenham quaisquer problemas com as surdas em classe e com a Libras. Trabalham e brincam todos juntos, a surdez não parece ser um impedimento (ANA, 22).*

Os caminhos percorridos pelas professoras Diane (35) e Ana (22), as crianças surdas e ouvintes parecem ser caminhos possíveis e todas as crianças estão aprendendo e desenvolvendo-se de forma integral, a partir dos conteúdos previstos para essa etapa na escola, especialmente, a socialização com seus pares. Somado a isso, as crianças têm a oportunidade de aprender noções de Libras em um contexto de bilinguismo.

De acordo com as narrativas das professoras Ana (22) e Diane (35), o uso de Libras está tão integrado em suas práticas que mais parece uma brincadeira entre os participantes. Leontiev (2006) afirma que a principal atividade da criança pré escolar, aquela que movimenta o desenvolvimento como um todo, é o brinquedo. Em alguns momentos, as crianças ouvintes brincam de serem surdos e a comunicação em Libras estão sempre presentes nos momentos lúdicos entre as crianças surdas e ouvintes e alguns sinais são inventados com criatividade e imaginação. (GISLENE, 46).

Na narrativa de Ana (22), observou-se que ela destaca que as crianças são pequenas, portanto, a forma de se comunicarem entre si pode ter ainda equívocos. Em Libras, alguns sinais exigem movimentos mais coordenados e aos poucos as crianças vão aprendendo.

Com base nas observações e entrevistas com as professoras, foi possível constatar que as professoras confirmaram que há mais pontos positivos nessas práticas que dificuldades, pois as crianças surdas e ouvintes vivenciam práticas pedagógicas conduzidas por professoras comprometidas que buscam sanar as dificuldades em relação ao ensino de Libras no caso da Professora Ana (22).

Além disso, a professora (Diane, 35) junto com a gestora resolveram os problemas com as famílias que questionaram no início do ano sua prática pedagógica em Libras. Hoje, a professora é apoiada por todas as famílias, pois as crianças, quando retornam para casa com os conhecimentos aprendidos, elas reconhecem a qualidade do trabalho docente.

Em relação às dificuldades, observou-se que as professoras para criarem práticas pedagógicas com qualidade precisam criar e adaptar muitos materiais didáticos, pois há carência de materiais atrativos para a educação infantil para um planejamento criativo e inovador para essa etapa em Libras.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É importante considerar aqui que as professoras se propuseram realizar práticas pedagógicas inclusivas, especialmente, bilíngues para oportunizarem uma efetiva experiência de inclusão das crianças surdas e transformar a formação cultural das crianças ouvintes em pessoas que possam incluir pessoas surdas além da escola em um mesmo contexto. Merece destacar que essas professoras são profissionais competentes e compromissadas com a educação das crianças nas práticas pedagógicas, mas só puderam se lançar a tal desafio, porque tinham formação especializada em Libras - língua de sinais que realizaram por conta própria.

Foi interessante observar que as professoras deste estudo realizaram uma prática bilíngue com os conteúdos previstos para essa etapa da educação em língua portuguesa (oral e escrita) e em Libras, de acordo com o Currículo em Movimento da Educação Básica (2018) da Secretaria de Educação do Distrito Federal.

Acredita-se que os avanços na educação da criança surda foram influenciados pelos marcos legais e a presença de Programas educacionais do Distrito Federal. No entanto, ressalta-se que se tornam essenciais ampliar políticas públicas educacionais para fortalecer a formação de professores em Libras e valorizar todos professores para garantir o direito à educação de todos os brasileiros, bem como fortalecer o Programa de educação precoce nas unidades da rede pública de ensino, pois quanto mais cedo os surdos participarem de Programas educativos, maiores serão suas chances de inclusão educacional e social.

## REFERÊNCIAS

BIAGIO, Rita de. A inclusão de crianças com deficiência cresce e muda a prática das creches e pré escolas, **Revista Criança**, 44, 2007.

BRASIL. **RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº 2, DE 11 DE SETEMBRO DE 2001**. Institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Câmara de Educação Básica. Diário Oficial da União, Brasília, 14 de setembro de 2001. Seção 1E, p. 39-40.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996, Brasília: MEC, 1996.

BRASIL. **Constituição Federal**, de 05 de outubro de 1988, Brasília: Senado, 1988.

BRASIL. **Decreto nº 5.626**, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. 2005. Disponível em: Acesso em: 20 mar. 2019.

BRASIL. **Lei nº 10.436**, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. 2002. Disponível em: Acesso em: 20 jan. 2019.

DISTRITO FEDERAL, **Currículo em Movimento da Secretaria de Estado de Educação**. SEEDF: Brasília, 2018.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Revista Educação & Sociedade**, Campinas, n. 79, p. 257-272, Ago, 2002.

MARQUES, H. C. R.; BARROCO, S. M. S; SILVA, T. S. A. O ensino da Língua Brasileira de Sinais na educação infantil para crianças ouvintes e surdas: considerações com base na Psicologia Histórico-Cultural. **Revista Brasileira Educação Especial**, v. 19, n (4), p. 503-518, out-dez, 2013.

MIRANDA, M. I. Conceitos centrais da teoria de Vigotsky e a prática pedagógica. **Revista em Re-Vista**, 13 n(1), p. 7-28, jul 04/jul 2005.

OLIVEIRA, M. M. de **Como fazer pesquisa qualitativa**. 6 ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky - aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. São Paulo: Editora Summus, 1993.

ROCHA, D.; DEUSDARÁ, B. Análise de Conteúdo e Análise de Conteúdo: aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória. **Revista Alea**, v. 7, n(2), jul-dez, p. 305-322, 2005

VIGOTSKY, L. S. **Obras escogidas**. Tomo II. Trad. José Maria Bravo. Madrid: Visor. 2001.

\_\_\_\_\_. **Obras escogidas**. Tomo I. Trad. José Maria Bravo. Madrid: Visor. 1997.